

**MATRIARCADO EM ÁFRICA: UMA ANÁLISE SOBRE O PENSAMENTO DE
CHEIKH ANTA DIOP E IFI AMADIUME**

Camille Johann Scholl¹

RESUMO

Este trabalho investiga a utilização do conceito de matriarcado na obra de Cheikh Anta Diop e Ifi Amadiume em uma perspectiva histórica. Por um lado, discute a produção historiográfica do intelectual senegalês, Cheikh Anta Diop, tendo como recorte a forma com que pensa o matriarcado como substrato cultural para o continente africano. Na sequência, discute o legado do autor, na figura da intelectual nigeriana, Ifi Amadiume, que debate com a obra de Anta Diop e atualiza o conceito de matriarcado, a partir de outra perspectiva. Sobretudo, este trabalho visa fazer uma problematização a respeito de um tipo de discurso que interpreta as sociedades africanas feito por africanos e que realiza uma explanação sobre a posição que as mulheres ocupam na estrutura das sociedades africanas.

PALAVRAS-CHAVE: História da África; mulheres africanas; matriarcado; Cheikh Anta Diop; Ifi Amadiume.

O trabalho aqui apresentado visa fazer uma problematização a respeito de um tipo de discurso que interpreta as sociedades africanas e que utiliza o conceito de matriarcado como fundamental para entender a história das mulheres nos estudos sobre o continente africano produzidos por intelectuais africanos. Para tal, esta investigação tem como fonte obras feitas e publicadas em temporalidades distintas por dois intelectuais oriundos de África. Estes buscaram decodificar a posição em que as mulheres estão inseridas na estrutura social de populações autóctones ao continente africano.

Apresentar-se-á os escritos dos dois autores e suas respectivas ideias a respeito do matriarcado e das mulheres. O primeiro, Cheikh Anta Diop, intelectual senegalês que utiliza o conceito de matriarcado para pensar o substrato de uma unidade cultural para o continente africano e a segunda, Ifi Amadiume, intelectual nigeriana que trabalha com o conceito de matriarcado e unidade matricêntrica para interpretação das sociedades africanas. Tais obras foram elegidas como documentos pois, em dois momentos, nos anos 50-60 e anos 90-2000, mostram um sistema conceitual que se organiza de forma a construir um discurso que insere as mulheres na historiografia sobre África. Por fim, o trabalho fará um balanço crítico a respeito da obra destes autores, refletindo sobre as generalizações que a visão de ambos

¹ Doutoranda em História pela PUC-RS. Pesquisas na área de história da África. Mestre em História pelo Programa de Pós-graduação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Este trabalho é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso de graduação defendido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2016. E-mail: mille_js@hotmail.com.

autores propõe ao olhar para sociedades africanas pensando o conceito de matriarcado e mulheres.

CHEIKH ANTA DIOP, A UNIDADE CULTURAL AFRICANA E O MATRIARCADO

Cheikh Anta Diop (1923-1986) foi um intelectual oriundo do Senegal e produziu ideias inovadoras que inspiram estudos sobre África até a atualidade. Este senegalês tem uma trajetória *sui generis*: teve seus estudos primários no Senegal dentro de uma escola de sabedoria muçulmana e depois foi à Paris, em 1946, estudar matemática. Dentro da Sorbonne envolveu-se com cursos de sociologia, antropologia, história antiga e linguística inserindo-se em um meio intelectual bastante reconhecido, com professores como André Aymard, Gaston Bachelard, Leroi-Gourhan e Marcel Griaule. Ele tem uma formação dupla: para o lado das ciências exatas, com a matemática e a física nuclear e, nas áreas das ciências humanas já citadas, complementando com estudos dos hieróglifos e egiptologia.

Anta Diop devotou sua vida acadêmica, sobretudo, a escrever a história do Antigo Egito como intrínseca ao continente africano: defendia uma origem africana para a civilização egípcia em um momento em que a Egiptologia europeia imperava com o argumento de uma origem civilizacional exógena ao continente africano e branca. Em 1951 apresenta sua tese que foi recusada pela Universidade de Paris – e que será aceita uma década depois.

Para o autor, os Egípcios seriam uma grande e desenvolvida civilização da antiguidade, a qual teria sido governada por homens negros. A tese é publicada na imprensa com o nome de “Nations nègre et culture” (“Nações negras e cultura”). A disseminação desta obra demarca o uso do Egito Antigo e de sua história como símbolo de valorização da grandiosidade de um passado comum africano, relacionado com a ideia de “raça negra”, sendo enfatizada como a origem da humanidade por movimentos nacionalistas africanos e pelo movimento pan-africano.

Subsequente a tese, é publicada a obra “Unidade Cultural da África Negra” (“*L'unité culturelle de l'Afrique noire*”) em 1959, conteúdo o qual se concentra a análise deste trabalho. Logo na introdução, Anta Diop deixa claro as intenções políticas da obra: “libertar a profunda unidade cultural que permaneceu vivaz sob ilusórias aparências de heterogeneidade” (DIOP, 1982, p. 9). O autor diz que continua a buscar em seus trabalhos as condições materiais para “explicar os traços culturais comuns a todos os africanos, desde a vida doméstica à da nação,

passando pela superestrutura ideológica, os sucessos, os fracassos e as regressões técnicas” (DIOP, 1982, p. 9).

Nesta obra, o autor realiza um estudo comparativo e coloca em polos opostos de análise uma cultura “negra africana” e uma outra “nórdica ariana”. Assim, opõe duas zonas: a africana e a ariana. Argumenta que “em cada um destes domínios, tão diversificados, procurei desvendar o denominador da cultura africana por oposição à cultura nórdica” (DIOP, 1982, p. 10)

Um dos pontos de sua obra é a investigação da estrutura familiar, do que ele coloca como “família africana”, tendo em vista sempre seus pressupostos de uma unidade cultural da África Negra. É com esta proposta de análise que o autor apresenta duas origens distintas de sistemas familiares, uma família africana e uma família ariana, a primeira teria uma origem em um sistema matriarcal e o segundo um sistema patriarcal. Isto resulta em organizações sociais distintas para estas duas sociedades e estes sistemas influenciariam diretamente na forma com que estas sociedades se apresentam hoje.

Assim, a unidade cultural da África Negra teria como base um sistema matriarcal ou matriarcado, que seria compartilhado por todas as sociedades africanas e constituiria um ponto em comum na cultura e um aspecto de reconhecimento de uma “unidade orgânica” (DIOP, 1982, p. 9) provinda da família, a unidade mais básica da sociedade.

Segundo o autor, “o matriarcado negro está tão vivo em nossos dias como na antiguidade. Nas regiões onde o matriarcado não tem sido alterado por uma influência exterior – como com o Islã ou o Cristianismo – a mulher que transmite integralmente o direito político”. (DIOP, 1982, p. 230)

Anta Diop faz uma apropriação do conceito de matriarcado, o qual em sua gênese provém de teorias de cunho evolucionista de fins do século XIX, que viam o matriarcado como um estágio primitivo de evolução das sociedades, ao qual transformar-se-iam, de maneira linear, em direção a um sistema mais evoluído, o patriarcado.

Neste ensejo, o autor analisa teóricos evolucionistas como J. Bachofen, Lewis Morgan e Friedrich Engels e faz a crítica ao matriarcado, porém não descarta o conceito e utiliza o mesmo como válido para estruturar o pensamento a respeito de uma suposta estrutura das sociedades africanas, definindo um “regime de matriarcado”. O autor define:

“O regime do matriarcado propriamente dito se caracteriza pela colaboração e desenvolvimento pleno e harmonioso dos dois sexos, apresentando uma certa preponderância da mulher na sociedade devido às condições econômicas de origem, que, de todas as maneiras, é aceita e inclusive defendida pelos homens” (DIOP, 1982, p. 234)

Ao delinear o matriarcado desta maneira, Anta Diop é pioneiro em proferir um discurso que coloca as mulheres em um local diferenciado ao qual já estiveram no discurso científico e político, em posição de horizontalidade ou preponderância em relação aos homens. O autor argumenta a questão a partir de alguns fatores: um deles é a transmissão da herança e o segundo é a influência na economia, o que dá espaço às mulheres para a ocupação de posições políticas privilegiadas, que serão analisadas pelo autor a partir dos casos das diversas rainhas africanas que existiram em diferentes sociedades.

O autor busca comprovar que nas sociedades africanas antigas Houve mulheres que participaram ativamente da vida pública de diferentes comunidades, explorando a história de rainhas e guerreiras: escreve sobre a Rainha de Sabá e a Rainha Candácea na área da Etiópia, assim como mostra que no Egito houve Hatshepsut, "a primeira rainha da história da humanidade" e Cleópatra, "a rainha dos reis".

Pensando as sociedades a partir de estruturas, Anta Diop trabalha com a ideia de que a base da economia das sociedades antigas da África é a agricultura, elemento que determinaria aspectos culturais que são traçados a partir da análise da unidade básica familiar. Neste sistema agrícola, a união pelo casamento se dava quando o homem se deslocaria para a casa da mulher constituindo a união e subsequentemente, a prole. Este seria um elemento tangencial ao matriarcado e a matrilinearidade, aspecto que determina que a linhagem é transmitida por via materna: os filhos do casal pertencem à família do lado da mãe e o pai é colocado como uma figura secundária com relação aos irmãos da mãe na responsabilidade sobre a criança.

Em conjunto a esse elemento de que a mulher provê a transmissão da linhagem também é observado por ele que nas sociedades africanas seria corrente eleição dos maridos pelas esposas e seria comum o pedido do desquite do compromisso pela mulher, se assim considerar necessário. Estes são aspectos observados a partir das relações intraconjugais que fazem parte das características apontadas como pertencentes ao "sistema do matriarcado" e que determinariam o poder decisório das mulheres.

Decorrente destes pontos de análise, Anta Diop também apresenta que nesta dinâmica cultural as esposas eram as "senhoras da casa" e "guardiãs da comida": as mulheres tinham um papel primordial de controle da economia das sociedades africanas pois eram responsáveis pela produção agrícola e sua distribuição na unidade familiar e nos mercados.

Outra marca do “sistema matriarcal”, na análise do autor, aparece no âmbito da religião: seria o elemento da sacralidade da mãe e sua autoridade ilimitada. Anta Diop apresenta que nas diferentes formas de expressão das religiões das sociedades africanas é aparente o simbolismo do "espírito da maternidade compartilhada" que é expresso por uma entidade-mãe primordial de um grupo e que a todos os filhos deu a vida e provê a sobrevivência.

Anta Diop define uma origem familiar matriarcal que se caracterizaria pela emancipação da mulher na vida doméstica, pela xenofilia, pelo cosmopolitismo, por uma espécie de coletivismo social, solidariedade material de direito para cada indivíduo. Em decorrência disto, haveria a construção de valores sociais que seriam o ideal de paz, justiça, bondade, otimismo, o que eliminaria qualquer noção de culpa ou de pecado original nas criações religiosas ou metafísicas.

Neste âmbito, o autor contrapõe diametralmente uma origem familiar patriarcal para a Europa, que teria surgido na Grécia e em Roma com sociedades de economia pastoril e nômade. Segundo o autor estes seriam caracterizados pela cidade-estado, xenofobia, individualismo, solidão moral e material, repugnância pela existência e teriam como valores o ideal de guerra, violência, crime, conquistas, herdados da vida nômade, sentimento de pecado original que representa o fundamento dos sistemas religiosos ou metafísicos.

Assim, coloca a África como diametralmente oposta à Europa, criando um discurso que homogeneiza ambos espaços geográficos e culturais via uma origem comum e antiga dos povos, o que condicionaria características de organização social, economia e valores, que estariam presentes até a atualidade e determinariam modos de se colocar no mundo.

O discurso do autor parte de uma perspectiva afrocêntrica que traz consigo uma valorização da história e cultura nascidas e desenvolvidas no continente africano. Este autor foi o precursor ao defender suas teses partindo de uma perspectiva de positivar e disseminar uma história propriamente africana produzida por africanos.

Cheikh Anta Diop foi precursor de um tipo de discurso sobre o matriarcado, o qual analisou de forma estrutural, a posição que mulheres ocupam em sociedades africanas antigas, tornando possível pensar estas enquanto uma unidade de cultura que subjaz aos diferentes grupos.

IFI AMADIUME, A UNIDADE MATRICÊNTRICA E O MATRIARCADO: UMA PERSPECTIVA FEMINISTA E AFRICANA

Ifi Amadiume, mulher nigeriana, nasceu dentro de uma comunidade do grupo Igbo em uma localidade chamada Kaduna (Nigéria) em 1947. Sua formação acadêmica acontece na Universidade de Londres, quando em 1971 foi para o Reino Unido estudar na Escola de Estudos Orientais e Africanos saindo com o diploma em antropologia social em 1973 e PHD em 1983. Durante este período aprofunda-se nas questões internas a sociedade Igbo, pensando as "raízes matriarcais" desta sociedade, tanto no primeiro trabalho, "*Igbo - African Matriarchal Foundations*" quanto no segundo, "*Male Daughters, Female Husbands*".

É visível a relação direta da obra de Ifi Amadiume e dos aspectos que tangem a obra "Unidade Cultural da África Negra" de Cheikh Anta Diop. A autora faz um diálogo aberto com os argumentos e pressupostos de Diop, seus conceitos e visões, tanto com concordâncias quanto com críticas. Ela escreve o prefácio da edição inglesa de 1989 (Editora Karnak House) da obra "A Unidade Cultural da África Negra" de Cheikh Anta Diop. Neste texto em que apresenta a obra, ela coloca o quanto sofreu influências das teorias e conceitos desta obra para pensar o seu próprio trabalho sobre os Igbo.

Para além do contexto histórico e político analisado pela autora, Amadiume também faz uma reflexão sobre as escolas de antropologia ao qual Diop teria inserção no momento em que argumenta sobre uma "unidade cultural orgânica" para todos os africanos. A autora coloca que este era o período da "abordagem orgânica" para analisar as sociedades.

Segundo ela, Cheikh Anta Diop está basicamente lidando com ideias e não estava preocupado com abstrações acadêmicas, mas em um comprometimento político com o seu continente de origem e as pessoas que lá habitam, buscando reconstruir uma visão da história e da cultura que valorizasse positivamente África em contraposição a séculos de versões arquitetadas pelos europeus e árabes.

Já na obra "*Reinventando a África*"/"*Reinventing Africa*", Amadiume faz um diálogo direto com a teoria e metodologia apresentada por Diop em suas análises. A autora mostra que dentro do trabalho de Cheikh Anta Diop há uma perspectiva metodológica que olha para uma macro-história, isto é, ele enfatizou a análise dos reis e rainhas de grandes impérios e olhou apenas para os espaços das cidades e vilas, focalizando mais em sistemas de poder político centralizado. A autora toma uma perspectiva crítica com relação a isso e diz que Diop acabou por ignorar a base dos sistemas sócio-políticos que se propôs a analisar.

Na escolha de analisar apenas os grandes impérios, Anta Diop é criticado pela autora por ter falhado em observar a base econômica de poder destes impérios e a relação entre as

idades que estavam no centro de poder com as pequenas comunidades rurais que os cercavam. Amadiume entende Anta Diop em seu contexto, argumentando que "o processo de descolonização é gradual e progressivo, requerendo vigilância e esforço contínuo" (AMADIUME, 1997, p. 13). A autora mostra que o autor:

"tentou mostrar que os africanos também realizaram a construção de grandes impérios - de fato antes da Europa - ele criou uma dicotomia entre Reinos Africanos que são equacionados com as noções de civilizados/destribilizados/internacionais e a sua periferia representada como primitiva/atrasada/sociedades fechadas. Claro que seria absolutamente ingênuo de minha parte chamar Diop de racista pelo uso invertido de termos europeus. Isto seria um chamado para a descolonização da mente africana e para os perigos das palavras brancas e pessoas negras" (AMADIUME, 1997, p. 13)

Segundo ela, Diop acabou por colocar como secundário em sua análise os espaços das pequenas comunidades africanas, das periferias dos grandes impérios por eles englobados ou não. Por esta razão é criticado com veemência pela autora, que tem a leitura de que todo sistema social e político em África tem pequenas comunidades em sua base.

Amadiume profere que os intelectuais africanos pouco se debruçam, pesquisam e constroem uma história social sobre a organização das comunidades e seus sistemas morais/filosóficos. Foi por esse afastamento crítico a perspectivas que precedem sua obra que Amadiume elege como campo de estudos uma pequena comunidade rural Igbo na Nigéria, os Nnobi.

Segundo a perspectiva da autora, o descaso com o estudo destas comunidades que não formaram grandes impérios tem relação com as visões construídas sobre a África por uma produção intelectual europeia. A visão de Amadiume sobre isso é perceptível no momento em que ela coloca que foram as visões etnocêntricas europeias que classificaram estas sociedades como "sociedades sem estado" ou "acéfalas", cuja característica seria "a falta de alguma coisa" (como um rei, estado, ordem ou uma "cabeça") e impediram de ver as dinâmicas próprias destas formações sociais.

Por fim, pode-se dizer que Amadiume também critica a teoria de Diop a respeito dos berços do matriarcado e do patriarcado, os quais, para ele, formam dois sistemas irreduzíveis e orgânicos. A autora faz a crítica e diz que esta visão constrói uma imagem estática e não leva em consideração alguma dinamicidade social. Ela defende, então, que os princípios do matriarcado e do patriarcado sempre conviveram e são sistemas que coexistem. Porém, assegura a irreduzibilidade de uma "unidade matricêntrica" como um fato social que é presente nas sociedades africanas.

Já em outra obra de nome "*Reinventing Africa: Matriarchy, religion and culture*" (Reinventando a África: matriarcado, religião e cultura), que foi reeditada nos Estados Unidos em 2001, a autora aprofunda as questões sobre a mulher africana e o matriarcado no continente. Esta obra é composta de ensaios produzidos entre 1989 e 1994.

Tal compêndio de textos é formado, em suma, por uma reflexão teórica a respeito dos estudos sobre sociedades africanas particulares realizados ao longo da sua carreira. São nestes escritos que a autora defende claramente sua posição teórica com relação a análises antropológicas das sociedades africanas e as questões de gênero.

Com fins de reflexão e descrição do discurso que a autora produz, este trabalho centra a sua análise em duas partes significativas desta obra, que é a primeira seção, "*Escrever a África: História Social Africana e a Sociologia da História*" e a segunda, chamada "*Reescrevendo a História*".

Pode-se ver que a autora calca sua reflexão teórica na sua experiência de campo, utilizando-se de uma metodologia em que ela chama de "micro-estudo", pois observa um caso específico, os Nnobi, comunidade do grupo Igbo localizados no território da atual Nigéria. Amadiume apresenta que ao olhar para a estrutura social dos Igbo ela pode perceber que estes possuem uma "ideologia de gênero" que atua como princípio organizacional na economia, na classificação social e na cultura.

Segundo a autora, a base desta "ideologia de gênero" está na oposição binária entre o sistema *mkpuke* e *obi*. O primeiro representa uma "unidade matricêntrica", ao qual o foco das relações gira em torno da mulher-mãe e o segundo representa a casa ancestral focada no homem. A autora defende que a estrutura de relação entre estes dois sistemas ou estruturas de gênero são refletidas em âmbitos mais amplos, como a organização social e a política.

Junto a isso, a autora também argumenta que a convivência entre estes dois sistemas forma diferentes conjuntos de valores que coexistem: o *ummume*, ligado diretamente à prática da "maternidade compartilhada" que expressa valores de compaixão/amor/paz em contraste com o *umunna*, valores da paternidade, que se expressam pela competitividade/valor/força/violência.

Assim, a existência destes dois sistemas, um patriarcal e um matriarcal, é apresentado como em uma "relação dialética". Concomitante a isto, é apresentado um terceiro sistema que também convive com os outros dois que é o *nmadu*. Este não é baseado em diferenças de gênero nem nos seus sistemas classificatórios, nem nos papéis que define nem no status

político das lideranças. A autora salienta que *nmadu* é um termo linguístico que não é baseado no gênero para designar humanidade ou ser humano ou pessoa.

Amadiume argumenta que na estrutura social dos Nnobi, o *mkpuke* é a menor unidade de parentesco e a menor unidade de produção: isso significa que é através do sistema *mkpuke*, baseado nas decisões da mãe, que é determinado como se fará a produção de alimentos e como será feita a sua distribuição dentro da unidade familiar. Ela apresenta também que a relação de produção possui uma ideologia baseada na maternidade chamada *ummune* ou *ibenne*, o que tem implicações políticas mais amplas na comunidade.

Entende-se que há uma relação profunda entre a unidade de produção e as relações de produção, pois aqueles que comem na "mesma tigela", ou seja, alimentam-se dos insumos produzidos dentro de uma unidade de produção familiar, estão compartilhando o espírito que emana da maternidade. Esta percepção dentro da unidade familiar se alastra para o grupo maior, a comunidade, pois é reproduzida no contexto político ao qual se expressa pela crença de que todos os Nnobi estão ligados como filhos da mesma mãe, uma entidade chamada *Idemili*, adorada por todos os Nnobi.

As representantes desta entidade no plano terrestre são as mães, as matriarcas, mulheres intituladas de *Ekwe*, líderes dos mercados e do Conselho de Mulheres, uma organização política formal das mulheres Nnobi da qual não participa nenhum homem.

Amadiume apresenta que o matriarcado está localizado nas estruturas profundas do sistema *mkpuke* e sua ideologia do *umunne* ou *ibenne*. O *Mpuke* é gerado pelas mulheres do grupo e tem seu poder expresso na unidade familiar: a mulher é a provedora da família. Neste sistema, é a mulher quem decide e operacionaliza a produção de alimentos e sua distribuição. Estas funções e posições sociais são de fundamental importância dentro destas comunidades africanas e a mulher assume papel proeminente.

Assim, a definição da autora de matriarcado se relaciona com o papel que a mulher assume enquanto mãe, figura de poder dentro de uma "unidade", qual seja, uma "unidade matricêntrica". Provém deste sistema, o *ummune*, valores que a autora define como compaixão/amor/paz, que traz consigo o aspecto da "maternidade compartilhada".

Após definir matriarcado a partir do caso dos Nnobi, a autora apresenta que fez uma revisão da etnografia da África Ocidental e, a partir destes estudos, diz que a estrutura matricêntrica *Mkpuke* se expressa em diversas sociedades. Dessa maneira, Amadiume se aproxima de uma leitura generalizante para as sociedades africanas inferindo que o matriarcado seria abrangente para todo o continente.

Na sequência, sobre o conceito de matriarcado, a autora sintetiza:

Meu argumento básico do matriarcado é que a estrutura matricêntrica é a menor unidade de parentesco. Sua base material é concreta e empírica, enquanto a base material e ideológica do patriarcado carrega uma contradição. Patriarcado é disputável, enquanto a paternidade é um constructo social. O resultado desta contradição é a tendência à compulsão patriarcal baseados na força jurídica, rituais violentos e metáforas e simbolismos de pseudo-procriação, oposto à força moral do matriarcado. (AMADIUME, 1997, p. 21-22)

Em Amadiume o conceito de matriarcado e sua definição se relaciona com o estudo do parentesco, assim, a posição da mulher na sociedade se define pelo seu papel de mãe e seu poder emana das tarefas que sustentam materialmente a unidade familiar, ou seja, a unidade matricêntrica. E, esta unidade matricêntrica que se define dentro do âmbito doméstico se projeta na comunidade através das organizações de mulheres, que segundo a autora, são básicas e atravessam a história nas sociedades do continente africano.

No discurso de Amadiume não aparece o aspecto da matrilinearidade relacionado ao matriarcado, como em tantos outros autores. A matrilinearidade se define pela transmissão do parentesco por via uterina, sendo que o pai biológico, em geral, assume função secundária nas responsabilidades sobre a criança em detrimento do tio materno, pois a criança "pertence" à linhagem materna.

Ao refletir sobre esta questão, pode-se inferir que, no constructo teórico de Amadiume, uma sociedade patriarcal e suas unidades matricêntricas podem ser tanto patrilineares como matrilineares, observando que as sociedades africanas apresentam essa multiplicidade de possibilidades, pois o matriarcado, nesta perspectiva, se define pelo papel da mulher na unidade familiar enquanto mãe.

É importante salientar que a autora apresenta que em suas observações das sociedades africanas ela percebe que o doméstico e a família são distintas unidades e termos, em contraposição ao sistema patriarcal da Europa, por exemplo, no qual o doméstico e a família são sinônimos. Então, é no âmbito do coletivo, da família - que não é restrita ao âmbito doméstico - que o que decorre o que a autora chama de "maternidade compartilhada", enquanto em outros espaços não-matriarcais, tal relação não ocorre.

Na obra de Amadiume há um sistema de conceitos que abrangem o matriarcado, unidade matricêntrica e maternidade compartilhada que são utilizados para explicitar uma visão sobre a posição em que as mulheres se encontram nas sociedades africanas, partindo de um micro-estudo de caso que se alastra para outras sociedades, o que resulta na defesa final da autora de um matriarcado que está presente nas sociedades africanas como um todo.

MATRIARCADO: UM BALANÇO CRÍTICO ENTRE DIOP E AMADIUME

A partir da análise da obra de Ifi Amadiume (anos 90-2000) e de Cheikh Anta Diop (anos 50-60) pode-se observar continuidades e deslocamentos com relação a colocação de significado do conceito de matriarcado e a criação de outros conceitos adjacentes, como o de unidade matricêntrica, com vista a aprofundar a compreensão sobre a mulher nas sociedades africanas, refletindo sobre uma estrutura social subjacente às sociedades africanas como um todo.

Há duas perspectivas, uma “macro” – Cheikh Anta Diop – e “micro” – Ifi Amadiume -, ou seja, pode-se identificar nas leituras de Amadiume sobre o conceito de matriarcado de Diop, uma nova delimitação do mesmo, pois houve uma mudança do olhar: Diop observa uma história de grandes civilizações e Amadiume passa a analisar as dinâmicas das comunidades locais.

Há o deslocamento de pensar uma "unidade cultural africana" que tem uma "base matriarcal", que para Diop subjaz em uma origem no Egito Antigo, em direção a uma nova perspectiva, construída por Amadiume, a qual está baseada em sua observação de um microcosmo, que toma significado pelo conceito de "unidade matricêntrica".

Amadiume define uma cultura matriarcal comum que está na base de todas as comunidades em África, sendo compartilhada por todas as sociedades africanas como elemento estrutural. Há uma delimitação metodológica que parte de um olhar provindo de outro contexto histórico e traz novas perguntas propõe uma reescrita do mesmo conceito, com busca de refinar a exatidão dos resultados da pesquisa tendo como base a observação etnológica.

Tendo em vista a presença do conceito de matriarcado nas obras da antropologia colonial e nas obras de Diop e Amadiume analisadas por este trabalho, estes últimos buscaram uma ruptura e crítica perante uma ciência social vinculada ao colonialismo, mas ao mesmo tempo, utilizavam dos mesmos termos explicativos. Para pensar estas questões é interessante olhar a partir das ideias de V.Y. Mudimbe. Este autor, nos estudos intitulados "A Ideia de África" (2013) e "A Invenção de África" (2013) mostra, inspirado em uma leitura foucaultiana, as camadas discursivas que construíram as visões sobre "África".

Mudimbe (2013) apresenta os escritos que contribuíram para a construção de uma “invenção da África” e argumenta que os europeus, durante o período colonial, produziram e legaram uma série de textos que registraram suas impressões sobre a África e os africanos.

Esse conjunto de escritos foi cunhado de “biblioteca colonial”, caracterizada por ser essencialmente eurocêntrica e eurófona, em sua busca de produzir um esquema enraizado no saber e no poder colonialista. Tais pronunciam um discurso que produziram representações sobre África.

O autor mostra que esta Biblioteca Colonial influenciou as formas de pensar a África não só fora do continente, mas também no conhecimento produzido por Africanos. Segundo Mudimbe (2013), "a história do conhecimento em África e sobre África parece deformada e dispersa e a explicação reside na sua própria origem e evolução" (MUDIMBE, 2013, p. 218). Tendo isto em vista, o autor demonstra o conjunto de conhecimentos sobre África cujas raízes remontam aos períodos grego e romano indicando que o discurso aponta para uma incompletude e perspectivas inerentemente preconceituosas que foram reproduzidas, segundo o autor, até a primeira metade do século XX e só foram rompidas na década de 1950.

É interessante notar no texto de Mudimbe "O poder do paradigma grego" (MUDIMBE, 2013, p. 103) como é mostrado a influência de ideias presentes nos textos gregos sobre África que vão sendo reproduzidas ao longo do tempo nos discursos sobre África. O autor analisa, com relação as mulheres, a maneira com que os textos gregos e romanos inscreveram a imagem de mulheres guerreiras, com poder de mando e opressão, segundo as fontes "raças de mulheres belicosas e admiradas pelo seu vigor másculo" (MUDIMBE, 2013, p.119), o que se coloca diametralmente em contraposição a ordem grega da pólis, que na sua forma clássica, excluía as mulheres.

Esta visão do mundo ocidental antigo clássico sobre África é reproduzido pelos discursos produzidos em período colonial por europeus, que traz influências de pensadores clássicos para pensar a alteridade e as culturas diferentes das ocidentais. Estas visões são um contínuo dentro do que constitui a biblioteca colonial.

De igual forma, Mudimbe (2013) aponta que as tentativas de rupturas com este olhar sobre África emergem em 1950 com o conceito de "história africana" o que assinala uma transformação radical das narrativas antropológicas pois "um novo tipo de discurso valoriza a dimensão diacrônica como parte do conhecimento sobre culturas africanas e incentiva novas representações dos 'nativos', que eram previamente um mero objeto da historicidade europeia". (MUDIMBE, 2013, p. 220)

Estas iniciativas de produção historiográfica sobre África produzem um novo conhecimento. Porém, Mudimbe mostra que estes novos textos e seus símbolos "não destroem completamente a relevância da biblioteca colonial nem o idealismo dos defensores da

alteridade." (MUDIMBE, 2013, p. 224). O autor argumenta que a melhor ilustração e mais excessiva é a obra de Cheikh Anta Diop que produziu uma "africanização do difusionismo".

Refletindo com o intelectual africano Mudimbe (2013), na busca de compreender mais profundamente visões sobre a mulher no continente africano e a historiografia, pode-se ver que conceito de matriarcado atravessa as produções científicas, desde uma historiografia colonial que retoma o conceito de matriarcado de teóricos evolucionistas do século XIX e está presente dentro dos discursos, produzidos pelos intelectuais africanos, que advogam uma história e unidade do continente africano como um todo uno, sobretudo a partir da década de 60 a partir da influência da obra de Cheikh Anta Diop.

Com isto em vista, este trabalho mostrou, a partir de dois intelectuais africanos, Cheikh Anta Diop e Ifi Amadiume, como o conceito de matriarcado foi apropriado para interpretar e explicar dinâmicas internas africanas associadas ao papel que a mulher assume na sociedade, política e economia, apresentando-se como peça essencial na estrutura social.

A obra de Cheikh Anta Diop construiu uma perspectiva de valorização de África que disseminou um discurso da unidade da África Negra, relacionado ao conceito de nação negra e raça negra, que criou uma perspectiva de “busca da essência” do continente, não levando em consideração ou analisando em pormenores as diferenças internas. Esta perspectiva é presente em estudos a respeito de temáticas que abordam o continente africano até a atualidade e devem ser olhadas com cuidado pois propõe generalizações.

Já Ifi Amadiume faz a crítica ao olhar “macro” e generalizante de Diop, pois a autora propõe-se a trabalhar com um caso específico, mas acaba por também generalizar estruturas para pensar as sociedades do continente africano, postura reitera a homogeneização do olhar perante a diversidade social e de dinâmicas culturais presentes nos diferentes espaços em África.

De forma que esse trabalho vem chamar a atenção para a obra destes dois autores, sobretudo com relação a inscrição de mulheres na historiografia sobre África, ao mesmo tempo em que vem alertar para a necessidade de um olhar crítico sobre discursos que argumentam uma estrutura subjacente geral para as sociedades em África – que são diversas e distintas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADIUME, Ifi. **Re-inventing Africa: Matriarchy, Religion and Culture**. Londres: Interlink Publishing Group, 1997.

DIOP, Cheikh Anta. **Unidade Cultural da África Negra**: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica. Lisboa: Editora Pedagogo, 2015.

DIOP, Cheikh Anta. **Naciones negras y cultura**. Barcelona: Belaterra, 2012.

DIOP, Cheikh Anta. **Unidade Cultural da África Negra**: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica. Lisboa: Editora Pedagogo, 2015.

DIOP, Babacar Mbaye et al. (org). **A consciência histórica Africana**. Luanda: Edições Mulemba, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

MUDIMBE, Valentin Yves. **A invenção de África**: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Mangualde (Portugal), Luanda: Edições Pedagogo; Edições Mulemba, 2013.

MUDIMBE, Valentin .Y. **A idéia de África**. Luanda: Pedagogo/Mulemba, 2013.

OYEWUMI, Oyeronke. **The Invention of Women**: Making an African Sense of Western Gender Discourses. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.